

12 DEZ 1985

Jubileu de Prata do HBB

CORREIO BRAZILIENSE

BAYARD LUCAS DE LIMA

D.F. saudade

Desejo de público exprimir os meus agradecimentos pela lembrança do meu nome para iniciar as comemorações do "Jubileu de Prata" do Hospital de Base, data cara aos nossos sentimentos e que rememora o pioneirismo da cidade século. Nada melhor do que rememorar o passado para compreender e valorizar o presente.

Tenho ainda vivas na retina e na memória as primeiras imagens da Nova Terra, que estávamos desbravando e onde se iria tornar realidade o sonho quase secular de gerações e gerações de brasileiros, que sonhavam com uma nova capital no coração mesmo do Brasil.

As primeiras imagens aéreas que tive da Nova Terra da Promissão, angustiavam-me: as casas, as lavouras, os animais, o homem, enfim, a vida, estava ausente na beleza agreste daquele vasto lençol verde e inabitado.

Senti, então, que o sonho e o idealismo de Juscelino, Israel e tantos outros grandes companheiros, envolvidos no mesmo sonho alucinado, era a repetição, séculos depois, da epopeia esplêndida das Bandeiras, embrenhando-se coração adentro do Brasil e de qualquer modo, desbravando-o.

Mas, a nossa bandeira era diferente e mais idealista. Não nos animavam a sedução e a coíça das verdes esmeraldas e o gentiós, o que em nada ofusca a obra desbravadora daquela epopeia. O que nos animava era o encontro de uma só e bela esmeralda, que se transformaria na realização dos nossos sonhos que eram implantar no centro geográfico do Brasil uma bela e acolhedora capital.

E se a paisagem aérea era angustiante, ao pisarmos o solo, ela não se desfez.

Natureza selvagem, infinitamente estendida no horizonte silencioso.

Quebrava, entretanto, aquele silêncio e aquele vazio os ruídos e as vozes de uma civilização que se iniciava.

Homens e máquinas cavando a terra e plantando os alicerces

de uma nova civilização, que deveria ser mais cordial, mais humana e mais igualitária, e assim mais cônica da grandeza e dos destinos desta grande Nação.

Eram os valorosos pioneiros; era a Novacap infatigável, indômita e obstinada, rompendo o solo daquela terra virgem, no afã de realizar o sonho de Juscelino Kubitschek e que estava na alma de todos os brasileiros.

E a cidade surgia, como que saída das entranhas da terra, como uma dádiva àqueles que souberam sonhar e souberam trabalhar.

Começaram a aparecer, como por encanto, nas prioridades devidas, a própria Novacap, o hotel, os palácios, as superquadras, as ruas, as rodovias, num trabalho obstinado e sem tréguas, daqueles valentes pioneiros, ao sol, à chuva, ao luar, como que movidos e ansiosos de ver a bela capital que haviam sonhado e que seria como que um poema gravado na paisagem verde do planalto.

E, enfim, naquela batalha de gigantes, naquele palco de trabalho árduo e de idealismo audaz, começou a surgir o nosso Hospital de Base, que vinha ocupar o seu espaço na bela civilização nascente.

E naquele ritmo de trabalho impressionante que fez época e era o orgulho dos candangos — o ritmo de Brasília — começaram a surgir as suas paredes e as suas primeiras unidades de construção, na faina heróica dos engenheiros, que tinham no seu encaixe um punhado pequeno de médicos pioneiros, ávidos de exercerem o seu nobilitante mister.

Cada dependência nova construída era de imediato ocupada pelos aparelhos da medicina, criando pequenas enfermarias e salas exíguas de cirurgia.

E, entre canteiros de obra e entulhos, começava a funcionar o nosso primeiro hospital que, hoje, um quarto de século de-

pois, comemora o seu profícuo e humano Jubileu de Prata.

Assim nasceu e cresceu o Hospital de Base que é hoje essa magnífica unidade de medicina, que nos envaidece e enche de orgulho.

Ao iniciarmos, éramos somente um punhado de bravos e dedicados médicos que se renovavam num atendimento sem folga, noite e dia, obstinadamente, idealisticamente.

Foram longos anos de luta ingente, em que o idealismo e a competência supriam a deficiência de recursos, usando a improvisação e o talento, ao invés de aparelhagem sofisticada, e suavizavam a dor e mitigavam o sofrimento e curavam.

Sinto ainda como se hoje fosse aquelas noites de vigílias infundáveis, atenuando a dor, consolando, curando e tenho certeza que as suas velhas paredes e seus longos e silenciosos corredores ainda devem guardar os sons daquela corrida noite adentro contra a morte e salvando vidas.

Eram verdadeiros sacerdotes da bondade, pois que a medicina antes de mais nada é um sacerdócio, na beleza de sua arte de curar e salvar vidas.

E valeram a pena esse sacrifício e esse idealismo, pois aí estão as raízes em que se assentam a tradição e o valor do hospital que hoje louvamos, e que é um grande hospital, honrando e continuando a obra de seus pioneiros, caminhando cada dia para uma medicina mais moderna, apesar das descrenças de poucos, mas também dos aplausos de muitos.

Não importa meus caros colegas as investidas da incompreensão, porque persistiremos na nossa trajetória de sermos um hospital ainda maior e assim continuando as suas belas tradições.

Temos consciência do nosso trabalho e do nosso valor e não serão alguns insucessos comuns a todos os hospitais do mundo

que nos irão deter no desejo de dar a Brasília os seus hospitais e transformá-la num centro de boa medicina.

Lembramos a esses apressados analistas que nascemos do nada e que só temos 25 anos de existência em contraste com outros serviços médicos seculares e ricos. Demos a Brasília, em razão da nossa luta, um plano assistencial moderno, com postos de saúde disseminados em todos os quadrantes, com um vasto atendimento, com vários hospitais modernos e principalmente uma assistência predominantemente de cunho social, voltada para a população mais carente e que precisa desse auxílio e desse amparo.

E mais: demos a Brasília a essência daquele idealismo e daqueles sonhos que eram o de caminhar para uma sociedade mais igualitária, onde o homem sadio e cheio de ideais, pudesse constituir uma sociedade mais feliz e sem castas.

Fomos obreiros qualificados e decisivos na construção e consolidação de Brasília como uma escola de fraternidade.

E hoje, podemos contemplar a nossa bela obra. Concretização daqueles sonhos e ideais acalentados por Juscelino, Israel e uma pleiade de sonhadores e realizadores, emblemados na beleza amorosa e terna da Capital da Esperança.

Nos dias do nosso Jubileu de Prata, quero lembrar a figura do notável criador de Brasília, Juscelino Kubitschek e o seu admirável construtor, Israel Pinheiro, e tantos outros que vivem no nosso apreço e outros na nossa saudade, lamentando que não estejam entre nós, ao lado dos seus irmãos pioneiros e de mãos dadas, como no Ritual da Fé, para bendizermos a nossa obra, cheia de vida e de beleza, como uma flor nascida no próprio coração do Brasil — a Brasília dos nossos sonhos e da nossa radiosa realidade, que é reverenciada pelas gerações atuais e, que por certo, o será pelas gerações futuras, para honrar a glória deste povo e deste País.